

## As Escolas Anarquistas em Belém do Pará na Década de 1910

Marcos Lucas Abreu Braga<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar a escolas anarquistas em Belém do Pará ao longo dos anos de 1910. Com base na consulta dos periódicos daquele momento, tanto os da imprensa operária quanto os da grande imprensa diária, se verificou a atividade de pelo menos três escolas organizadas por grupos de afinidade anarquistas e baseadas nas propostas pedagógicas do professor espanhol Francisco Ferrer y Guardia naquela década. Se procurou identificar seus grupos organizadores e analisar aspectos gerais do funcionamento delas, comparando suas práticas efetivas com os pressupostos da pedagogia racionalista de Ferrer.

**Palavras-Chave:** Pedagogia Racionalista; Movimento Operário; Anarquismo; Belém do Pará.

**Resumén:** Este artículo tiene como objetivo analizar las escuelas anarquistas en Belém do Pará a lo largo de los años de 1910. A partir de la consulta de los periódicos de la época, tanto de la prensa obrera como de la gran prensa diaria, se verificó la actividad de al menos tres escuelas organizadas por grupos de afinidad anarquistas y basadas en las propuestas pedagógicas del maestro español Francisco Ferrer y Guardia en esa década. Se intentó identificar sus grupos organizadores y analizar aspectos generales de su funcionamiento, comparando sus prácticas efectivas con los supuestos de la pedagogía racionalista de Ferrer.

<sup>1</sup> Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e mestrando em História no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da UFAM. E-mail: marcoslucasab@gmail.com

<sup>1</sup> SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem*: esboço do pensamento político-revolucionário do Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992, p. 240.

**Keywords:** Pedagogía racionalista; Movimiento obrero; Anarquismo; Belém do Pará.

## Introdução

A partir de 1910, acompanhando a crise da economia gomífera, se iniciou o que Vicente Salles qualificou como anos de ô muita agitação trabalhista das classes operárias do Pará.<sup>2</sup> Na segunda década do novecentos, foram empreendidas dezenas de greves, principalmente nos anos de 1914 e de 1917 a 1919, além da fundação de diversos sindicatos e associações classistas e de quase uma dezena de jornais operários. Grande parte do operariado de Belém se organizou em torno da União Geral dos Trabalhadores (UGT), fundada em 1914 e, após o fechamento desta em 1918, na Federação das Classes Trabalhadoras (FCT) fundada em 1919, ambas de orientação sindicalista-revolucionária com expressivas influências anarquistas.

Além das greves, dos sindicatos e da imprensa operária, os trabalhadores de Belém também se manifestaram por meio de atividades culturais marcadas por um caráter de classe, como a organização de bailes, festas, peças de teatro, músicas e por meio de práticas educacionais. Quanto a este último ponto, é necessário salientar que haviam diversas formas de fomento à educação levadas à cabo pelos núcleos de militantes operários, dentre os quais os grupos anarquistas, como a publicação de textos pedagógicos na imprensa operária, a realização de palestras e conferências organizadas pelas lideranças sindicais e destinadas aos trabalhadores, a organização de bibliotecas, de *Centros de Estudos* e *Centros de Cultura* sociais e a própria organização de escolas, fosse para as crianças fosse para adultos.<sup>3</sup> O presente artigo tem como objetivo analisar uma destas formas: as escolas operárias, ou mais precisamente as escolas organizadas pelos grupos de afinidade anarquistas, na capital paraense na segunda década do novecentos.

As escolas organizadas pelos grupos operários, sindicais e anarquistas em geral não constavam nos relatórios dos governadores ou nos dados oficiais do estado ou do departamento de ensino. Muito dificilmente seus documentos ó como listas ou fichas de matrícula dos alunos, currículos escolares, lista de professores, documentos burocráticos, materiais didáticos, relatos de professores e estudantes, dentre outros ó foram preservados<sup>4</sup>, dificultando uma análise mais aprofundada do funcionamento delas. Tal dificuldade já foi indicada por outros autores: estudando as escolas anarquistas paulistanas, Foot Hardman

---

<sup>2</sup> SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem*: esboço do pensamento político-revolucionário do Grão-Pará. Belém: CEJUP, 1992, p. 240.

<sup>3</sup> KASSICK, Clovis Nicanor. Pedagogia libertária na história da educação brasileira. *Revista HISTEDBR Online*, Campinas, n. 32, p. 136-149, 2008.

<sup>4</sup> Como é, felizmente, o caso das escolas organizadas pelo militante anarquista paulistano João Penteadado, cuja documentação foi compilada e publicada em livro; ver: MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. *Educação libertária no Brasil*: Acervo João Penteadado: inventário de fontes. São Paulo: EDUSP, 2013.

mencionou a quase inviabilidade historiográfica de acompanhar a vida interna destas escolas<sup>5</sup> e Margareth Rago afirmou que a ausência de informações sobre as escolas racionalistas (...) impossibilitam qualquer afirmação ou conhecimento mais aprofundado destas práticas pedagógicas.<sup>6</sup>

A maioria das referências as escolas belenenses foram encontradas na imprensa, tanto operária quanto e mais raramente e nos grandes jornais comerciais e diários. Nos periódicos, pode-se localizar as datas de suas fundações, seus endereços, organizações que as mantinham, os nomes de alguns dos seus professores, dentre outras informações. No entanto, as perguntas que podem ser feitas ou respondidas pelos historiadores acerca delas, com base na imprensa, são limitadas, sendo difícil analisar de forma pormenorizada questões como as práticas pedagógicas aplicadas, relações escolares cotidianas entre professores e alunos, metodologias de ensino e avaliação ou mesmo a quantidade exata de estudantes que elas atenderam. Questões que podem ser vistas apenas de relance nas páginas dos jornais, o que faz com que seja muito mais viável levantar hipóteses do que confirmá-las ou refutá-las.

Tendo isso em vista, a partir dessa base documental, o presente artigo tem como objetivos fazer um mapeamento das escolas libertárias criadas no estado do Pará e ou, mais precisamente, na cidade de Belém e na década de 1910, identificar os grupos e organizações que as fundaram e mantiveram, bem como tecer considerações possíveis acerca de aspectos gerais do funcionamento delas, traçando comparações entre as práticas levadas à cabo nestas instituições educacionais com os pressupostos teóricos da pedagogia racionalista de Francisco Ferrer y Guardía, principal referência delas.

107

## **O movimento operário e a educação**

A defesa da ampliação do acesso à educação formal foi uma constante nas reivindicações dos movimentos operários pelo menos desde o século XIX, em suas mais diversas vertentes políticas e ideológicas. Ao longo de toda a Primeira República brasileira, sindicalistas, socialistas, anarquistas e comunistas empreenderam ações no sentido do estímulo a educação, fosse pela defesa de projetos de leis relacionados ao tema, fosse criando propriamente escolas destinadas aos filhos dos trabalhadores.<sup>7</sup> Essa valorização da educação foi compartilhada por muitos trabalhadores amazônicos, militantes engajados no movimento

---

<sup>5</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!* São Paulo: editora brasiliense, 1983, p. 72.

<sup>6</sup> RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 160.

<sup>7</sup> GHIRALDELLI JR, Paulo. Movimento operário e educação popular na primeira República. *Cadernos de Pesquisa*, n. 57, p. 30-38, 1986.

de classe ou não. Pelo que se tem conhecimento até o momento, a mais antiga escola mantida por uma organização operária em Belém foi a da *Liga Operária*, formada em 1883.<sup>8</sup>

Nos estatutos das associações classistas paraenses deste período<sup>9</sup>, eram recorrentes passagens que previam a construção de escolas: o *caput* 1 do segundo artigo dos estatutos do *Sindicato dos Caldeireiros de Ferro do Pará*, fundado em 1918, estabelecia que um dos seus fins era manter uma escola para os seus associados.<sup>10</sup> Já a *União dos Choferes*, fundada em 1913, tinha como um dos seus objetivos, de acordo com o *caput* 3 do primeiro artigo dos seus estatutos, criar uma escola profissional e outra de instrução primária, para os sócios e os seus filhos;<sup>11</sup> exatamente o mesmo objetivo foi estabelecido por outro sindicato criado pelos choferes anos depois, em 1927, o *Centro Internacional dos Motoristas do Pará*, no *caput* 6 do primeiro artigo dos estatutos desta organização.<sup>12</sup> A *Sociedade Phenix Caixeiral Paraense*, organizada pelos empregados do comércio em 1917, previa no artigo terceiro de seus estatutos a manutenção de um curso comercial, detalhando as disciplinas que seriam ministradas: português, francês, inglês, aritmética, escrituração mercantil e contabilidade comercial, além de uma aula de música, prevista em seu artigo quarto.<sup>13</sup> A *Federação Marítima*, fundada em meados de 1917, estabeleceu no item d) do segundo artigo dos seus estatutos que um dos seus fins era criar aulas noturnas de instrução primária, profissional e militar.<sup>14</sup> Provavelmente, outros tantos sindicatos paraenses tiveram objetivos semelhantes.

A *Associação dos Empregados no Comércio do Pará*, fundada em 1905, estabelecia entre os seus objetivos instituir para os filhos dos mesmos [isto é, dos associados], menores de doze anos, aulas de ensino elementar e um curso comercial.<sup>15</sup> A iniciativa parece ter prosperado, já que em 1911 o *Almanak Laemmert* informou que ela mantinha um curso completo de comércio, regido por profissionais competentes.<sup>16</sup> Esta foi, muito provavelmente, a instituição educacional criada por uma organização de trabalhadores mais estável e longeva de Belém: na década de 1920, o *Almanak Laemmert* publicizou que

<sup>8</sup> SALLES, 1992, p. 180.

<sup>9</sup> Cópias digitalizadas deles podem ser consultados no site do Centro de Memória da Amazônia: <https://www.cma.ufpa.br/estatutos.html>. consultado em 16 de maio de 2022.

<sup>10</sup> *Estatutos do Sindicato dos Caldeireiros de Ferro do Pará*. Belém: Typographia Delta, s/d. p. 3.

<sup>11</sup> Estatutos da *União dos Choferes*. *Diário Oficial*, Belém. n° 6326, 1° de jun. 1913, p. 432.

<sup>12</sup> *Estatutos do Centro Internacional dos Motoristas do Pará*. Centro de Memória da Amazônia, caixa 3-A, estante L2, disponível em: <https://www.cma.ufpa.br/estatutos.html>. consultado em 16 de maio de 2022;

<sup>13</sup> *Estatutos da Sociedade Phenix Caixeiral*. Belém: Typographia Gutemberg, 1917, p. 3.

<sup>14</sup> Estatutos da *Federação Marítima*. *Estado do Pará*, Belém. n° 2315, 10 set. 1917, p. 2.

<sup>15</sup> *Estatutos da Associação dos Empregados no Comércio do Pará*. Centro de Memória da Amazônia, caixa 3-A, estante L2, disponível em: <https://www.cma.ufpa.br/estatutos.html>. consultado em 10 de outubro de 2022.

<sup>16</sup> *Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial do Distrito Federal e Indicador 1911-1912*. Rio de Janeiro: Typographia do Almanak Laemmert, 1911, p. 3280.

Associação mantém a Faculdade Livre de Estudos Comerciais, moldada pelo programma das Escolas oficiais desse ensino.<sup>17</sup>

Por meio dos jornais operários, é possível verificar outras iniciativas neste sentido: noticiando uma assembleia do *Sindicato dos Artistas Alfaiates e Costureiras* em agosto de 1919, um articulista de *O Semeador* parabenizou a entidade por ãter dado mais um passo no caminho da Liberdade e da Educação profissionalö ao informar que ela resolveu organizar uma escola profissional de corte.<sup>18</sup> Em maio de 1920, um dos redatores do *A Voz do Trabalhador* noticiou que õs Sindicatos profissionais de Val-de-Cães enviaram ao diretor do ensino público um ofício no qual solicitavam a instalação de uma escola noturna em Val-de-Cães para menores e adultos de ambos os sexos.<sup>19</sup>

Para citar apenas mais um exemplo da valorização que os operários de Belém davam à educação formal, uma das pautas levantadas pelos trabalhadores da construção civil que se manifestaram em greve em abril de 1919 foi a construção, as expensas dos patrões, de escolas noturnas para seus filhos, além do estabelecimento da obrigatoriedade das habilidades de saber ler, escrever e contar para que os meninos maiores de 14 anos fossem admitidos como aprendizes nos ofícios do ramo.<sup>20</sup>

É difícil avaliar até que ponto a maioria dessas iniciativas se concretizou. Pela ausência quase completa de referências posteriores, pode-se cogitar que muitas delas não saíram do papel ou tiveram dificuldades em funcionar regularmente, bem como vidas efêmeras, por conta das dificuldades financeiras e materiais, bem como pela perseguição política. Apesar das adversidades na manutenção das atividades regulares destas instituições de ensino, a própria frequência da intenção dos sindicatos de manterem escolas, expressa nos acordos sociais de diferentes organizações, estabelecidos nos estatutos a partir de discussões em assembleias com participação de vários membros das categorias e que por sua vez deveriam ser aceitos por aqueles que quisessem se associar a elas, já denota a valorização que os trabalhadores que as animavam faziam da alfabetização e da educação formal.

Percebe-se na idealização das escolas organizadas pelos sindicatos e associações classistas belemenses um duplo objetivo: a educação formal, isto é, a alfabetização, e a tentativa dos sindicatos de exercerem influência sobre o mercado de trabalho, a partir da

<sup>17</sup> *Anuário Administrativo, Agrícola, Profissional, Mercantil e Industrial do Districto Federal e Indicador 1911-1912*. Vol. III. Rio de Janeiro: Typographia do Almanak Laemmert, 1926, p. 741.

<sup>18</sup> ãMovimento operárioö. *O Semeador*, Belém. n° 11, 2 de agosto de 1919, p. 2-3.

<sup>19</sup> ãEscola noturna para trabalhadores em Val-de-cãesö. *A Voz do Trabalhador*, Belém. n° 1, 1º maio.1920, p. 3.

<sup>20</sup> DE OLIVEIRA, Adriano Craveiro. *As Lutas Operárias em Belém da Primeira República: As Greves de 1917 a 1919*. Monografia (Graduação) ã Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Graduação em História, Belém, 2013, p. 126-133.

intenção de criar escolas de formação profissional administradas pelos sindicatos e associações classistas, verificada pelo menos nos casos das organizações dos alfaiates, dos marítimos, dos choferes e dos caixeiros.

### As escolas anarquistas em Belém

No interior dessas escolas, poderiam conviver diversas práticas pedagógicas inspiradas em vertentes educacionais distintas, dentre as quais uma das mais importantes foi a pedagogia racionalista de Francisco Ferrer y Guardia.<sup>21</sup> A execução de Ferrer em 13 de outubro 1909 acabou gerando uma grande campanha de solidariedade em várias partes do mundo e a divulgação de suas concepções educacionais, inspirando a criação por núcleos operários, libertários, anticlericais e racionalistas, de escolas baseadas na *Escuela Moderna* de Barcelona em diversos países da Europa, da América<sup>22</sup> e no Brasil, ao longo das décadas de 1910 e 1920.

Flávio Luizetto expôs que o Brasil ã(...) conheceu as idéias educacionais de Ferrer assim como as atividades por ele desenvolvidas na Espanha, fato que se revela no próprio nome das inúmeras escolas aqui fundadas por pessoas ou associações nelas inspiradas, como «Escola Moderna» «Escola Livre» ou «Escola Racionalista».<sup>23</sup> Edgar Rodrigues fez um levantamento parcial de escolas modernas inspiradas na metodologia racionalista ó ou que adotavam métodos semelhantes ó fundadas no Brasil, incluindo cerca de vinte instituições nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Ceará, Bahia e do Pará.<sup>24</sup>

Como características gerais na pedagogia racionalista preconizada por Ferrer e pelo movimento em torno das *Escolas Modernas*, pode-se apontar, de forma bastante sumária, a defesa da razão e da ciência como saberes centrais da prática escolar (daí o seu nome); concomitante à anterior, a rejeição dos dogmas religiosos ó bem como da doutrinação

<sup>21</sup> Nascido em Alella, zona rural da Catalunha, sudeste da Espanha, em 1859, Ferrer foi um militante anticlerical que se destacou pelo empreendimento da *Escuela Moderna*, fundada em Barcelona em 1901, onde procurou colocar em prática suas teorias do ensino racionalista. Sofreu diversas perseguições, inclusive sendo acusado de mentor intelectual do atentado ao rei espanhol Afonso XIII, em 1906, e da «Semana Trágica» ó série de protestos e enfrentamentos entre policiais e operários, devido à oposição destes ao recrutamento militar forçado para lutarem na guerra contra o Marrocos ó em 1909, o que lhe rendeu a prisão, em um processo judicial muito questionável, condenação e fuzilamento, no castelo de *Montjuich*, em 13 de outubro de 1913. Ver: GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da escola Moderna. *Pro-Posições*, v. 24, n. 2, p. 241-251, 2013.

<sup>22</sup> Foram criadas escolas inspiradas nas concepções pedagógicas de Ferrer na década de 1910 pelo menos na Argentina, na Bolívia, no México e nos Estados Unidos. SEGURA, M<sup>a</sup> del Mar Araus. La escuela moderna en Iberoamérica: Repercusión de la muerte de Francisco Ferrer Guardia. *Boletín americanista*, n. 52, p. 7-22, 2002. Além do Chile; ver: URRUTIA, Santiago. Experiencias de educación libertaria en el movimiento popular chileno, 1900-1925. *Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación*, n. 3, p. 90-116, 2015.

<sup>23</sup> LUIZETTO, Flavio. Presença das idéias de Ferrer no Brasil: o exemplo da " Escola Moderna n. ° 1" de Sao Paulo. *Educació i Història: revista d'història de l'educació*, 1994, p. 57.

<sup>24</sup> RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

religiosa ó na prática educativa; a coeducação de estudantes de ambos os sexos e de classes sociais distintas no mesmo ambiente; a educação integral, isto é a formação não apenas intelectual, mas também física, profissional e moral do alunado, procurando derrubar as fronteiras entre atividades manuais e intelectuais; a higiene da infância; a rejeição dos prêmios, dos castigos físicos e da classificação dos discentes por notas no cotidiano escolar; bem como a integração dos jogos e das brincadeiras no processo de ensino e aprendizagem.<sup>25</sup> Muitos destes pontos colocavam as escolas racionalistas em oposição às escolas religiosas e estatais daquele período, atraindo sobre si a antipatia de setores conservadores da sociedade.

As ideias e práticas de Ferrer ecoaram nos centros urbanos da Amazônia. Aldrin Moura de Figueiredo fez um levantamento das obras sobre Ferrer que circularam em Belém na década de 1910; nas palavras do autor:

Uma vastíssima literatura sobre a vida e a obra de Francisco Ferrer y Guardía (1859-1909) circulou no Pará, em diversas línguas, do catalão ao inglês, destacando tanto sua obra pedagógica e libertária quanto o próprio processo que o levou à prisão e ao fuzilamento sob acusação de mentor intelectual dos movimentos grevistas na Espanha. Vide entre os livros que aparecem citados nos periódicos anarquistas do Pará e nas anotações de época, Léon Lavagre, *Um Crime Social: l'assassinat de Francisco Ferrer*. Paris: M Riviére, 1909; Joseph McCabe, *The martyrdom of Ferrer, being a true account of his life and work*. London, Watts & co., 1909; Leonard D. Abbot (ed), *Francisco Ferrer; his life, work and martyrdom, with messages written especially for this brochure by Ernst Haeckel; Maxim Gorky; Edward Carpenter; Havelock Ellis, Jack London and others*. New York, Francisco Ferrer Association, 1910. Pedro Sangro y Ros de Olano, *La sombra de Ferrer de la semana trágica a la guerra europea*. Madrid: sobrinos de la sucesora de M. Minuesa de los Ríos, 1917; e Alphonse Lugan, *Francisco Ferrer, um précurseur du bolchevisme: as vie et son ouvre: étude critique*. Paris: procure Generale, 1921.<sup>26</sup>

Essa influência pode ser percebida nas práticas pedagógicas de algumas escolas operárias que estiveram em funcionamento na capital paraense naquele momento, como a escola da *União dos Empregados no Comércio* (UEC). Pode-se conhecer alguns aspectos dessa escola por meio de uma polêmica travada nas páginas do diário *Estado do Pará*, no final de 1919. Em uma carta publicada pela redação deste diário, assinada por o pseudônimo *Anthúlio*, onde se propunha o combate por meio da imprensa e da polícia aos militantes anarquistas que atuavam na cidade, o autor se referia à UEC nos seguintes termos:

<sup>25</sup> GONÇALVES, Aracely Mehl. *FRANCISCO FERRER y GUARDIA: Educação e a imprensa anarcosindicalista ó ãA PLEBEö (1917- 1919)*. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2007.

<sup>26</sup> DE FIGUEIREDO, Aldrin Moura. *Rubra Poesia: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923*. Asas da palavra, v. 10, n. 1, 2005, p. 70.

(...) outra cousa não é que um centro de anarquistas, com escolas organizadas para instruírem os palermas que não tem ainda a noção do que seja a igualdade e fraternidade lá deles. Ali a polícia encontraria somente livros e folhetos que pregam a anarchia, sendo o seu principal professor um tal de Nazareth que sua em bicas para meter na cabeça dos babaquaras as doutrinas de Lenine.<sup>27</sup>

O caixeiro anarquista Fernando da Costa Baptista Nazareth, citado no texto anterior, respondeu aos ataques de *Anthúlio* nas páginas do mesmo periódico, por meio de uma carta aberta. Nela, Nazareth expôs que os compêndios utilizados na escola da UEC eram a *Cartilha Maternal*, de João de Deus, o livro de leitura de Olavo Bilac e M. Bonfim e a *Gramática* de Paulino de Britto. Revelou ainda que a escola possuía oito professores, sendo ãalguns católicos, outros livre-pensadores, patriotas, anti-patriotas, na certeza, porém, que todos guardam sua maneira de pensarõ, sendo frequentada por õindivíduos de diversas nacionalidades, cores, religiõesõ e, ainda segundo Nazareth, seguia o lema:

Instruir, instruir e sempre instruir, de acordo coma Ciência e a Razão, fora de preconceitos religiosos, sociais de que infelizmente o mundo está cheio. Ensinamos o Amor que ampara o desgraçado, que protege os famintos, combatemos sistematicamente o analfabetismo, ensinamos, enfim, a Verdade à Luz da Ciência e da Razão.<sup>28</sup>

Fernando Nazareth ó às vezes grafado como Nazaré ó como era mais conhecido, foi um dos mais ativos militantes operários daquele momento, proferindo conferências e palestras em associações classistas, além de assinar artigos em vários jornais operários. Um dos temas mais recorrentes em suas intervenções era justamente o estímulo à educação da classe operária, apresentada como instrumento para a sua emancipação: em um artigo publicado em sucessivos números de *O Semeador*, Nazareth expôs a trajetória de Francisco Ferrer e da *Escola Moderna*, tecendo severas críticas ao jesuitismo;<sup>29</sup> meses depois, na ocasião da inauguração da Escola de *Educação Racional Francisco Ferrer*, proferiu um discurso carregado de anticlericalismo sobre o educador espanhol e seu método de ensino.<sup>30</sup> A familiaridade e a simpatia de Nazaré pelas concepções educacionais de Ferrer sugere que ele provavelmente as colocou em prática na escola da UEC, apesar desta contar com professores de diversas tendências políticas e religiosas; a ênfase dada na Ciência e na Razão, em sua

<sup>27</sup> ãO anarchismo em Belémõ. *Estado do Pará*, Belém. n° 3134, 13 de dezembro de 1919, p. 2.

<sup>28</sup> ãContra o anarchismoõ. *Estado do Pará*, Belém. n° 3135, 14 de dezembro de 1919, p. 2.

<sup>29</sup> Sob o título ãA Escola Modernaõ, o artigo foi publicado entre os números 10 a 13 de *O Semeador*, de 26 de julho a 16 de agosto de 1919.

<sup>30</sup> A palestra foi transcrita e publicada integralmente, sob o título ãInstruir, eis o problema!õ, nos números 29 e 30 de *O Semeador*, respectivamente de 6 e 13 de dezembro de 1919.

resposta à *Anthúlio*, reforça esta hipótese, já que este é um dos esteios centrais da pedagogia racionalista de Ferrer.

Assim como Fernando Nazareth, poderia haver professores inspirados na pedagogia racionalista em outras escolas operárias que surgiram ao longo daquela década, como pode ser o caso da *Escola Operária Fiat Lux*, fundada no segundo semestre de 1913. Por meio da coluna *Vida Operária*, do *Estado do Pará*, que noticiava as atividades de algumas organizações classistas, é possível ler que:

Esta escola, fundada especialmente para o operariado, acha-se funcionando todos os dias, das 2 às 5 da tarde, para crianças, e das 7 às 10 da noite, para adultos. Ensina-se a ler, escrever e contar *pelo método racional*. Acha-se aberta a matrícula, mediante uma contribuição módica.

Sede: Travessa Benjamin Constant, n. 46 (Reduto).<sup>31</sup> (grifo nosso)

Não foi possível constatar, com base nas informações encontradas, se o método racionalista aplicado na *Escola Operária Fiat Lux* era o racionalismo pedagógico de Ferrer, embora esta hipótese possa ser levantada. O fundador e diretor da *Fiat Lux*, sr. André Lobo, ainda enviou um ofício à Diretoria do Ensino Municipal comunicando a sua inauguração e pedindo, em termos benévolos, proteção à diretoria do ensino municipal para seu estabelecimento de instrução primária<sup>32</sup>, atitude pouco provável de ser tomada por grupos anarquistas.

Além da aplicação da pedagogia racionalista nas escolas operárias e sindicais não anarquistas, foram nas escolas formadas pelos grupos especificamente anarquistas que se pode avaliar de uma forma mais aprofundada a influência deste pensamento educacional, já que nestas ele era predominante.

A primeira escola inspirada na pedagogia racionalista criada em Belém foi a *Escola Livre Século XX*, fundada entre maio e junho de 1912 pelo *Centro Humanitário Amor, Sciencia e Liberdade*, coletivo de trabalhadores livres-pensadores paraenses que mantinha contato, através da troca de cartas, com a redação do jornal anticlerical *A Lanterna*, de São Paulo. É por meio do periódico paulistano, que respondia publicamente seus interlocutores de diversas regiões do Brasil na coluna *bilhetes e recados* e/ou os divulgava na coluna *Núcleos da Vanguarda*, que se pode conhecer um pouco mais do coletivo belemense, fundado no 1º de maio daquele ano e cujo objetivo era desenvolver a educação racional e combater a imunda clericalha, tinha como patrono o grande e inolvidável Ferrer e contava com o certo 100

<sup>31</sup> Vida Operária. *Estado do Pará*, Belém. n.º 844, 3 de agosto de 1913, p. 5.

<sup>32</sup> Ensino Municipal. *Estado do Pará*, Belém. n.º 875, 3 de setembro de 1913, p.

membros quando de sua fundação, todos propagadores dos ideais modernos, segundo o remetente da carta destinada à e publicada em *A Lanterna*, Cícero Barros, secretário do *Centro*.<sup>33</sup> Ele era dividido em três grupos: o Grupo Literário, o Grupo Humanitário e o Grupo Anticlerical.

No final daquele ano, o jornal paulista publicou a correspondência com a organização paraense, noticiando que em 13 de outubro o *Centro* fundou a *Liga Anticlerical do Pará*, sua anexa. A data parece não ter sido escolhida por acaso, mas provavelmente foi em referência ao assassinato de Ferrer. Na mesma ocasião, o jornal publicou um protesto do *Centro* contra o Congresso Operário realizado naquele ano o que ficou conhecido por parte da historiografia como o *Congresso Pelego* o em que foram incluídos cerca de trinta nomes dos agremiados do C.A.C e Liberdade e os alunos da Escola -Livre Século XX, compostos de operários e filhos de operários livres-pensadores. Por fim, sua secretária-correspondente, Lucila Monteiro, asseverou que a associação tinha como principal objetivo manter uma biblioteca e uma escola prática para o desenvolvimento intelectual e a educação racional dos seus associados e alunos, compostos exclusivamente de livres-pensadores.<sup>34</sup>

A presença dos nomes de algumas mulheres o Ana Monteiro, Clara de Almeida, além de Lucila Monteiro o no abaixo assinado dos agremiados do *Centro* e discentes da escola indica que possivelmente eram estudantes da *Século XX*; o que sugere que a coeducação de alunos de ambos os sexos, preconizada pela pedagogia racionalista, era posta em prática na instituição paraense. Além disso, o reiterado anticlericalismo e livre-pensamento da organização assinala o ensino racionalista e a rejeição da doutrinação religiosa, esteios centrais das concepções educacionais de Ferrer.

O *Estado do Pará*, um dos maiores jornais diários belemenses do período, divulgou algumas atividades do *Centro* e de sua escola. Em meados de junho de 1912, o jornal publicou um pequeno anúncio onde lia-se que reúnem hoje, às 8 horas da noite, os membros do Centro Humanitário Amor Sciencia e Humanidade [sic].<sup>35</sup> Algumas semanas depois, o mesmo diário anunciou que: A frequência da escola do *Centro Humanitário*, durante o mês próximo findo, foi de 144 alunos. Durante esse período, foram incluídos no quadro social 15 sócios. Foram ofertados 22 volumes diversos para a biblioteca da sociedade.<sup>36</sup> Este é o único indicativo que se dispõe da quantidade de estudantes dessa escola.

<sup>33</sup> Núcleos de Vanguarda. *A Lanterna*, São Paulo. n° 143, 15 de junho de 1912, p. 4.

<sup>34</sup> Núcleos da Vanguarda. *A Lanterna*, São Paulo. n° 169, 14 de dezembro de 1912, p. 4.

<sup>35</sup> Tópicos e notícias. *Estado do Pará*, Belém. n° 429, 13 de junho de 1912, p. 3.

<sup>36</sup> Tópicos e notícias. *Estado do Pará*, Belém. n° 449, 3 de julho de 1912, p. 2.

Não foi possível precisar por quanto tempo ela funcionou; foi fundada entre maio e junho de 1912 e esteve em atividade pelo menos até outubro, quando o *A Lanterna* publicou a correspondência com o *Centro*. A própria ausência de fontes sugere que ela teve uma vida efêmera. O *Centro Humanitário*, por outro lado, continuou suas atividades até pelo menos outubro de 1913, quando ainda era anunciado pelo *A Lanterna*.<sup>37</sup> Em todas as referências ao *Centro*, é indicado como endereço para o envio de correspondência a Estrada de São Braz, nº 36 ó sua sede, e onde provavelmente funcionava a *Escola Livre Século XX*.

Em 1913, *A Lanterna* noticiou que na capital paraense o *Centro Libertário Porvir*, outro grupo de afinidade anarquista criado por volta de setembro daquele ano, realizou uma sessão magna em homenagem à Ferrer, quando também ocorreu a fundação da *Escola 13 de Outubro*, na data homônima. A sessão foi presidida por Humberto Simões, secretariado por João Pinto Coelho e contou com um discurso de Antônio da Costa Carvalho, conforme relata o articulista, que ãmostrou a todos os presentes qual o fim e por que princípios foi fundada aquela escola e em seguida ãfalando do grande educador, mostrou seus métodos de ensino e a maneira porque o difundia e as vantagens que dele colhemos; após a fala de Carvalho, Simões ãfez uma pequena mas bem orientada preleção sobre a vida do grande educador e concitou todos os presentes a que trabalhem, unidos pelo mesmo sentimento de regeneração social, pelo desenvolvimento da grandiosa obra do inesquecível educador.<sup>38</sup> A última referência ao *Centro Libertário* no *A Lanterna* data de janeiro de 1914, indicando que a correspondência deveria ser enviada para a caixa postal 342.<sup>39</sup>

O diário *Estado do Pará* ó na coluna *Vida Operária*, onde que divulgava anúncios de reuniões e assembleias das associações dos trabalhadores de Belém ó também noticiou a fundação da escola *13 de Outubro*, informando que as matrículas, destinadas aos operários e aos seus filhos, seriam realizadas na *União dos Vendedores Ambulantes* e funcionaria nos três turnos (pela manhã das 7h00 às 11h30, à tarde das 1h30 às 4h00 e à noite das 7h00 às 9h00), revelando ainda que ela era ligada à *Federação Operária de Belém*<sup>40</sup> (FOB), central sindical fundada alguns meses antes com a presença de Costa Carvalho, delegado da *União dos Vendedores Ambulantes*, e Humberto Simões, da *União dos Ofícios Vários*.<sup>41</sup>

<sup>37</sup> ãNúcleos da vanguarda. *A Lanterna*, São Paulo. nº 211, 4 de outubro de 1913, p. 3.

<sup>38</sup> ã13 de outubro. *A Lanterna*, São Paulo. nº 216, 8 de novembro de 1913, p. 3.

<sup>39</sup> ãNúcleos da Vanguarda. *A Lanterna*, São Paulo. nº 227, 24 de janeiro de 1914, p. 3

<sup>40</sup> ãVida Operária. *Estado do Pará*, Belém. nº 918, 16 de outubro de 1913, p. 3.

<sup>41</sup> ãVida Operária. *Estado do Pará*, Belém. nº 863, 22 de agosto de 1913, p. 2.

Em outra ocasião, o mesmo diário publicou um anúncio informando que ela funcionava na Avenida Frutuoso Guimarães, nº 128, mesmo endereço que a FOB e expõe um pouco de sua matriz curricular:

O plano de estudo é o seguinte: despertar a reflexão dos alunos sobre conhecimento dos objetos necessários e mais usuais na vida prática.

Escrita e 1ª seção leitura:

Aprender a ler e escrever. Aritmética: ler e escrever os números e ler quantidades.

Lição de cousas: conhecimento de animais, vegetais, minerais e produtos da arte humana.

2ª seção: escrita, leitura e aritmética; exercícios adequados dos números inteiros, noções de gramática, leitura explicada, desenho linear, lições de cousas, geografia do Brasil, história e higiene.

3ª seção: desenho de figura e ornato, noções de ciências naturais, história universal, arquitetura, instrução profissional e higiene.<sup>42</sup>

Provavelmente, a *Escola Operária 13 de Outubro* é mesma escola mencionada pelo pintor e sindicalista belemense Silvestre Costa em uma carta aberta direcionada a Antônio da Costa Carvalho e publicada em um jornal especial em comemoração ao quarto aniversário da UGT, quando escreveu que:

Acompanhei-te sempre como fiel discípulo, e fui ser teu ajudante na escola em que lecionavas, juntamente como Humberto Simões, Guerra e outros (...). Julgo estar apreciando ainda as maneiras cativantes com que emendava a uns e ensinava a outros; chamavas a essas crianças com a amabilidade que lhe era peculiar ó òs meus camaradinhas, que, apesar de sua tenra idade, já alugavam o seu pequeno corpo a qualquer parasita que o quisesse explorar durante o dia. Bem que dizias que estes pequenos escravos seriam os revolucionários de amanhã: não te enganaste.<sup>43</sup>

Pode-se induzir, por meio da passagem citada, que a escola era destinada à jovens trabalhadores e funcionava no turno noturno, já que é indicado que durante o dia eles vendiam sua força de trabalho. A forma de tratamento utilizada por Costa Carvalho para se referir aos estudantes ó *meus camaradinhas* ó sugere a intenção de estabelecer relações horizontais, não hierarquizadas, entre mestres e discentes, o que também era uma característica da pedagogia racionalista e libertária.

Possivelmente, esta também seja a mesma escola mencionado pelo *A Lanterna* quando noticiou a fundação da UGT (união de sindicatos fundada no início de 1914 pelos mesmos grupos que animavam a FOB), tendo em vista que alguns dos nomes relacionados à escola, como Antônio da Costa Carvalho, Silvestre Costa e Humberto Simões estiveram entre

<sup>42</sup> Vida Operária. *Estado do Pará*, Belém. nº 929, 27 de outubro de 1913, p. 2.

<sup>43</sup> COSTA, Silvestre. *Reminiscências*. *Onze de Janeiro*, Belém. edição única, 11 jan. 1918, p. 2.

os articuladores desta federação sindical. No artigo do periódico anticlerical, noticiando o movimento na cidade nortista, se pode ler que:

A U.G dos T já mantém uma escola com uma boa frequência de alunos. Para melhor abrigar todos os sindicatos e desenvolver a escola e fundar a sua biblioteca, a novel agremiação instalou-se, no dia 11 do mês passado [isto é, de janeiro], num vasto salão, sito à rua Lauro Sodré, 173 ó 1º, realizando nesse dia uma excelente reunião de propaganda.<sup>44</sup>

Essas instituições educacionais estavam diretamente ligadas à um grupo de militantes que incluía alguns dos nomes citados acima como Antônio da Costa Carvalho, Humberto Simões e Eduardo Guerra, atuante desde o início daquela década em várias frentes: na troca de correspondências com jornais operários de outros estados, na distribuição de livros e folhetos de propaganda entre os trabalhadores belemenses, na organização de sindicatos e associações classistas, no empreendimento de e apoio às greves e na organização das próprias escolas.

Costa Carvalho e Silvestre Costa foram fundadores da UGT, representando os trabalhadores ambulantes e os pintores respectivamente. Já Guerra ó que foi um dos signatários do referido protesto do *Centro Humanitário* contra o congresso de 1912 e mencionado por Silvestre Costa na carta aberta ó foi um chofer e, ao lado de Costa Carvalho, um dos principais interlocutores de *A Lanterna* em Belém. Tanto Carvalho quanto Guerra eram de origem portuguesa e foram expulsos do Brasil junto com outros trabalhadores em 1914 e 1915, respectivamente, devido às suas atuações no movimento operário naqueles anos.<sup>45</sup>

Devido à expulsão de importantes lideranças operárias estrangeiras e à repressão às greves de 1914 e 1915, com a prisão de dezenas de trabalhadores e a invasão e depredação da sede da UGT pela polícia, as escolas provavelmente foram desorganizadas e tiveram suas atividades estancadas, acompanhando o momento de declínio das manifestações trabalhistas em Belém nos anos iniciais da Grande Guerra, já que doravante à meados de 1914 não foram mais encontrados quaisquer sinais de atividades, nem da *Escola Livre Século XX* e nem da *Escola Operária Treze de Maio*.

O movimento operário na capital amazônica voltaria a recrudescer novamente a partir de 1917, quando se iniciou uma nova onda de greves e agitações trabalhistas que se

<sup>44</sup> "Mundo Operário". *A Lanterna*, São Paulo. n° 232, 28 de fevereiro de 1914, p.3.

<sup>45</sup> Pelo menos nove trabalhadores estrangeiros foram expulsos de Belém nesses dois anos e outras dezenas, tanto nacionais quanto imigrantes, foram presos; a UGT teve sua sede invadida pela polícia. Ver: FONTES, Edilza Joana Oliveira. "*Preferem-se portugueses (as)*": trabalho, cultura e movimento social em Belém do Para (1885-1914). Tese (Doutorado) ó Universidade de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2002.

estenderia até o início de 1920. Foi neste momento que surgiu a *Escola de Educação Racional Francisco Ferrer*, fundada em 1919, e que foi a instituição educacional libertária paraense da qual se dispõe de mais referências, já que suas atividades foram esporadicamente noticiadas pelos jornais operários que circularam em Belém naquele momento.

Organizada pelo grupo *Os Semeadores*<sup>46</sup>, contou para a sua fundação com uma campanha de solidariedade anterior para a arrecadação de fundos: o coletivo sindicalista revolucionário organizou a representação da peça teatral *Gaspar, o serralheiro*, em 24 de agosto de 1919, no teatro Moderno, representada por militantes amadores do próprio grupo e amplamente divulgada e anunciada pelo jornal que era o seu porta-voz, cuja receita foi revestida a favor da escola. Em balancete divulgado pelo impresso dos semeadores, consta que foram vendidos 15 camarotes e 349 cadeiras, totalizando uma receita de 828\$000.<sup>47</sup> Além disso, também recebeu a oferta de 100 folhetos ó intitulados *Da Lepra Sarvalsam e Neusarvasam* ó de seu autor, o médico Oscar de Carvalho, para que a venda dos exemplares também fosse revestida em favor da planejada escola.<sup>48</sup>

Sua inauguração ocorreu no dia 13 de outubro, não por coincidência no aniversário da execução de Ferrer, e nela estiveram presentes representantes de diversas organizações operárias: dos choferes, dos barbeiros, dos trabalhadores da construção civil, dos alfaiates, dos empregados em hotéis e restaurantes, dos sapateiros e do Centro Cosmopolita Bragantino, que fizeram discursos sobre a importância da educação para os operários, sobre a vida de Ferrer e sobre as Escolas Modernas, segundos os relatos do jornal dos semeadores.<sup>49</sup>

Suas primeiras aulas, no entanto, foram anunciadas para o dia 11 de novembro daquele ano e seus organizadores estavam otimistas, aguardando uma frequência enorme na ocasião.<sup>50</sup> A escola funcionou na rua General Gurjão, nº 44, onde também se localizavam as sedes de diversos sindicatos e associações classistas. Pelo menos dois pilares da pedagogia racionalista eram postos em prática na escola belenense: a coeducação de estudantes de ambos os sexos ó como atesta uma pequena notícia das atividades da escola publicada em um jornal operário, que afirma que a escola continuava funcionando com uma regular matrícula

<sup>46</sup> um coletivo de trabalhadores de várias categorias profissionais, militantes e sindicalistas revolucionários que atuou em Belém no final da década de 1910. Muitos dos integrantes desse grupo participaram das diretorias dos sindicatos de suas respectivas categorias profissionais. Também mantiveram entre 1919 a 1920 o periódico *O Semeador*, porta-voz do grupo.

<sup>47</sup> *O Semeador*, Belém. nº 21, 13 de outubro de 1919, p. 4.

<sup>48</sup> Escola de Educação Racional Francisco Ferrer. *O Semeador*, Belém. nº 16, 6 set. 1919, p. 3.

<sup>49</sup> A inauguração da Escola Racional Francisco Ferrer. *O Semeador*, Belém. nº 22, 18 out. 1919, p. 1.

<sup>50</sup> Escola de Educação racional Francisco Ferrer. *O Semeador*, Belém. nº 25, 8 nov. 1919, p. 2.

e frequência de alunos de ambos os sexos<sup>51</sup> e o ensino racional livre de doutrinação religiosa.

Suas aulas foram inicialmente ministradas no período noturno e seus professores eram voluntários e um deles foi o tipógrafo e poeta autodidata Bruno de Menezes<sup>52</sup> e sendo a maioria composta de militantes e lideranças sindicais. No início de 1920, o grupo Os Semeadores atendeu à solicitação de Bruno de Menezes permitindo que o mesmo iniciasse aulas diurnas por sua conta própria e usufruto particular<sup>53</sup>, aconselhando, por meio de seu jornal, os pais trabalhadores que matriculassem seus filhos nas ditas aulas.<sup>53</sup>

Ela contou com amplo apoio financeiro de duas organizações classistas paraenses: a *União dos Operários Sapateiros* e a *Federação das Classes da Construção Civil*. Um jornal operário noticiou que em janeiro de 1920 os dois sindicatos abriram subscrições de apoios voluntários à escola entre os seus associados: entre os sapateiros, foram arrecadados entre 30 de dezembro de 1919 a 20 de janeiro de 1920 cerca de 26\$140 réis, já na Federação da Construção Civil, 4\$100.<sup>54</sup> No mês seguinte, a escola e que contava com uma frequência que ultrapassou a expectativa de seus iniciadores, nas palavras do articulista e recebeu a doação de 26\$300 da União dos Operários Sapateiros e de 2\$300 da Federação das Classes da Construção Civil.<sup>55</sup> Em março, o mesmo impresso informou que os dois sindicatos contribuíram respectivamente com 14\$000 e 2\$700 para a manutenção da escola.<sup>56</sup>

Mesmo com o auxílio dos sindicatos, ela enfrentava dificuldades para manter suas atividades regulares: em pequena nota publicada no *A Voz do Trabalhador*, informando as atividades da escola, pode-se ler que:

Continua a funcionar com um elevado número de alunos, a Escola Racional Francisco Ferrer, apesar do pequeno número de professores com que conta presentemente. As suas três aulas têm sido frequentadas por alunos e alunas, filhos de trabalhadores e não trabalhadores, sendo-lhes fornecido tinta, penas, canetas, papel e livros pela escola, que como todos sabem é mantida pelas classes. É justo pois, que todo o trabalhador, de seu auxílio material por pequenino que seja, em benefício dessa Escola que educa e prepara nossos filhos para a próxima revolução social.<sup>57</sup>

<sup>51</sup> Escola Racional Francisco Ferrer. *A Voz do Trabalhador*, Belém. n° 1, 1° de maio de 1920, p. 2.

<sup>52</sup> DE FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Rubra Poesia: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. *Asas da palavra*, v. 10, n. 1, p. 69-77, 2005.

<sup>53</sup> Escola Racional Francisco Ferrer. *O Semeador*, Belém. n° 37, 31 de janeiro de 1920, p. 3.

<sup>54</sup> Os Semeadores. *O Semeador*, Belém. n° 36, 24 de janeiro de 1920, p.6.

<sup>55</sup> Escola de E. Racional Francisco Ferrer. *O Semeador*, Belém. n° 39, 14 fev. 1920, p. 3.

<sup>56</sup> Escola Racional Francisco Ferrer. *O Semeador*, Belém. n° 42, 6 de março de 1920, p. 4.

<sup>57</sup> Notas diversas. *A Voz do Trabalhador*, Belém. n° 16, 14 de agosto de 1920, p. 4.

Conforme indicado no excerto acima, os estudantes da escola eram ãfilhos de trabalhadores e não trabalhadores, indicando a coeducação de alunos de classes sociais distintas, preconizada por Ferrer; embora se possa levantar a hipótese de que a maioria dos dissidentes fosse oriunda de lares operários, filiados aos sindicatos ligados à FCT. Um dos únicos estudantes identificados foi o filho de Bernardo Ferreira, membro da Federação das Classes da Construção Civil, que era ãum dos mais inteligentes alunos da Escola Francisco Ferrer. <sup>58</sup>

Em agosto de 1920, *A Voz do Trabalhador* publicou uma pequena nota informando que ela continuava funcionando, ãcom elevado número de alunos, e que seus estudantes fizeram um passeio na Praça Batista Campos. <sup>59</sup> Passeios, aulas de campo e ao ar-livre eram práticas preconizadas pela pedagogia racionalista e pelos movimentos educacionais inspirados em suas ideias. No mesmo mês, o grupo *Os Semeadores* abriu mão da direção da escola em favor da *União dos Operários Sapateiros* <sup>60</sup> ó por conseguinte, ela mudou seu endereço para a rua Padre Prudêncio, nº 87 ó sem, contudo, justificar os motivos, mas provavelmente devido ao próprio processo de dissolução pelo qual o grupo estava passando naquele momento.

Não foi possível localizar o momento do encerramento de suas atividades, mas ela esteve em funcionamento até pelo menos os anos de 1920: segundo os relatos publicados no semanário paulistano *A Plebe* do anarquista carioca Domingos Passos, que estava retornando da capital paraense ao Rio, a Escola Racional Francisco Ferrer esteve entre os ãorganismos sindicalistas, libertários e outros, que se fizeram presentes em uma sessão solene no dia 1º de janeiro de 1927 em Belém, promovida pela União dos Operários da Construção Civil e patrocinada pela FCT, para comemorar a chegada de mais um ano. <sup>61</sup> No cortejo de primeiro de maio do mesmo ano, ela também se fez presente com seu ãpavilhão <sup>62</sup>, isto é, com a bandeira, provavelmente levada por seus estudantes e professores. Talvez tenha funcionado ininterruptamente de 1919 a 1927, mas as fontes para este período são ainda mais escassas, forçando com que esta questão tenha de ficar em aberto.

## Considerações finais

As escolas inspiradas na pedagogia racionalista fundadas no estado do Pará por grupos anarquistas na década de 1910 ó a *Escola Livre Século XX*, inaugurada em 1912; a

<sup>58</sup> ãSociais. *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 8, 9 de junho de 1919, p. 3. (pequena nota anunciando o falecimento da esposa de Ferreira).

<sup>59</sup> ãNotas diversas. *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 18, 28 de agosto de 1920, p. 4.

<sup>60</sup> ãSapateiros e Semeadores. *A Voz do Trabalhador*, Belém. nº 17, 21 ago. 1920, p. 4.

<sup>61</sup> ãMovimento operário. *A Plebe*, São Paulo. nº 247, 12 de março de 1927, p. 4.

<sup>62</sup> ãDo Pará Proletário. *A Plebe*, São Paulo. nº 254, 25 de junho de 1927, p. 2.

*Escola 13 de Outubro*, em 1913; e a *Escola de Ensino Racional Francisco Ferrer*, estabelecida em 1919 ó se inserem na tradição mais ampla de fomento a educação levada a cabo pelos segmentos organizados da classe trabalhadora brasileira. No entanto, elas diferiam das anteriores em pelo menos um aspecto: enquanto a maioria das escolas operárias e sindicais adotava métodos tradicionais de ensino ó como a separação dos estudantes por gênero ou admissão apenas de alunos do sexo masculino e o uso de castigos físicos no processo de ensino-aprendizagem ó diferindo pouco suas práticas educativas de escolas do Estado ou da Igreja, as instituições educacionais organizadas pelos núcleos libertários e racionalistas se comprometiam com uma prática nova, de intenção revolucionária, inspirada na pedagogia antiautoritária e racionalista de Francisco Ferrer e de outros teóricos educacionais anarquistas ou simpatizantes.

Até que ponto a intenção manifesta se concretizou pode ser debatido, devido à já indicada exiguidade das fontes. Por conta da falta de informações sobre elas, muitos aspectos de seu funcionamento permanecem obscuros. Provavelmente, seus organizadores mesclavam aspectos da pedagogia racionalista com métodos das escolas tradicionais, públicas/estatais, confessionais ou particulares, assim como a Escola Nº 1, de inspiração ferrerista fundada em 1913 em São Paulo, onde, conforme a análise de Douglas Leutprecht e Norberto Dallabrida, é possível identificar um processo de apropriação em que os defensores da pedagogia racionalista souberam utilizar práticas vigentes nas escolas primárias públicas.<sup>63</sup> Ou ainda como a Escola Moderna de Stelton, nos Estados Unidos, onde ó segundo as conclusões dos mesmos autores ó se mesclava o modelo educacional racionalista com influências de outras vertentes pedagógicas progressistas derivadas das ideias e práticas dos pedagogos Jhon Dewey e Friedrich Froebel, dentre outros.<sup>64</sup>

Alessandro Cardoso Ribeiro, avaliando a atuação de diversas escolas libertárias brasileiras de vários estados (Ceará, São Paulo, Bahia, dentre outros), expõe que em algumas delas se formou uma prática pedagógica híbrida, resultado de uma inter-relação entre elementos da pedagogia de Ferrer com práticas da época, como o otimismo pedagógico, e com ideias educacionais de outros autores anarquistas ó como Leon Tolstói e Piotr Kropotikin ó e mesmo com as de intelectuais liberais.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> LEUTPRECHT, Douglas Bahr; DALLABRIDA, Norberto. Usos da pedagogia racionalista na escola moderna nº 1 de São Paulo (1913-1919). *Historia y Memoria de la Educación*, n. 11, p. 397-431, 2020

<sup>64</sup> LEUTPRECHT, Douglas Bahr; DALLABRIDA, Norberto. APROPRIAÇÕES DO MODELO PEDAGÓGICO RACIONALISTA NA ESCOLA MODERNA DE STELTON (1920-1925). *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 16, p. 7912, 2021.

<sup>65</sup> RIBEIRO, Alessandro Cardoso. As peculiaridades da Confederação Operária Brasileira (1906-1920). Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

Um dos aspectos pedagógicos defendidos por Ferrer, a coeducação de estudantes de classes sociais distintas, parece não ter sido aplicado nas escolas racionalistas amazônicas, já que as referências indicam que elas eram frequentadas exclusivamente, ou pelo menos prioritariamente, por alunos oriundos da classe trabalhadora, crianças operárias ou filhos de pais operários. Já o ensino misto, de estudantes de ambos os sexos, e o ensino racionalista, contrário a doutrinação religiosa, foram seguramente postos em prática nestas instituições educacionais.

É possível perceber também que, além da educação formal, isto é, alfabetização e ensino acadêmico, estas escolas também pretendiam fornecer aos estudantes uma formação política, como fica exposto nas passagens citadas anteriormente de que a *Escola 13 de Outubro* cujos alunos seriam os revolucionários de amanhã e que a *Escola de Ensino Racional Francisco Ferrer* educa[va] e prepara[va] nossos filhos [dos operários] para a próxima revolução social ou ainda na carta anônima de *Anthúlio* no *Estado do Pará* sobre as atividades da escola da *UEC*.

É dificultoso avaliar o impacto dessas escolas no processo mais amplo de alfabetização da população de Belém, inclusive porque elas não foram computadas nos dados oficiais do governo do estado. Certamente, tinham dimensões bastante modestas, funcionavam nas sedes dos próprios sindicatos ou na casa de algum de seus associados e a quantidade de estudantes provavelmente ficava na casa de algumas dezenas ou centenas ó mas neste último ponto, não diferiam muito de grande parte das escolas daquele momento, quer fossem particulares/privadas quer fossem públicas/estatais. Seus professores eram, em sua maioria, operários autodidatas e militantes sindicais, como Antônio da Costa Carvalho, Fernando Nazareth, Bruno de Menezes e Eduardo Guerra, que além das jornadas de trabalho longas e exaustivas, ainda tinham que compartilhar a sua atenção com outras atividades como os afazeres das diretorias dos sindicatos, a participação de assembleias, a escrituração de cartas e artigos para os jornais operários, a preparação de discursos e palestras, dentre outras, o que impunha dificuldades adicionais ao funcionamento regular das escolas onde lecionavam.

No que pese as inúmeros dificuldades, elas proporcionaram ao longo desses anos o acesso à educação a algumas centenas ó talvez milhares ó de trabalhadores e filhos de trabalhadores que dificilmente o teriam de outra forma e que poderiam continuar seus estudos através de uma prática muito comum entre militantes operários naquele momento: o autodidatismo. Ou mesmo com as outras formas de educação popular concomitantes às escolas, como as palestras, conferências, Centros de Estudos Sociais, bibliotecas organizadas pelos sindicatos ou com os próprios jornais operários. Apesar da modéstia de suas dimensões

e da instabilidade de suas trajetórias, as escolas operárias e anarquistas belemenses deram a sua contribuição ao lento processo de alfabetização da população brasileira, verificado ao longo do século XX, e permitiram a parte da classe trabalhadora paraense o acesso à cultura letrada, o que contribuiu para uma articulação política e social mais ampla.

### Referências bibliográficas:

- DE FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Rubra Poesia: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. *Asas da palavra*, v. 10, n. 1, p. 69-77, 2005.
- DE OLIVEIRA, Adriano Craveiro. *As Lutas Operárias em Belém da Primeira República: As Greves de 1917 a 1919*. Monografia (Graduação) ô Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Graduação em História, Belém, 2013.
- FONTES, Edilza Joana Oliveira. "*Preferem-se portugueses (as)*": trabalho, cultura e movimento social em Belem do Para (1885-1914). Tese (Doutorado) ó Universidade de Campinas, Programa de Pós-Graduação em História Social, 2002.
- GALLO, Sílvio. Francisco Ferrer Guardia: o mártir da escola Moderna. *Pro-Posições*, v. 24, n. 2, p. 241-251, 2013.
- GHIRALDELLI JR, Paulo. Movimento operário e educação popular na primeira República. *Cadernos de Pesquisa*, n. 57, p. 30-38, 1986.
- GONÇALVES, Aracely Mehl. *FRANCISCO FERRER y GUARDIA: Educação e a imprensa anarcosindicalista ó ãA PLEBEö (1917- 1919)*. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa, 2007.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!*. São Paulo: editora brasiliense, 1983.
- KASSICK, Clovis Nicanor. Pedagogia libertária na história da educação brasileira. *Revista HISTEDBR On-line*, Campinas, n. 32, p. 136-149, 2008.
- LEUTPRECHT, Douglas Bahr; DALLABRIDA, Norberto. APROPRIAÇÕES DO MODELO PEDAGÓGICO RACIONALISTA NA ESCOLA MODERNA DE STELTON (19206 1925). *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 16, p. 7912, 2021.
- LEUTPRECHT, Douglas Bahr; DALLABRIDA, Norberto. Usos da pedagogia racionalista na escola moderna n° 1 de São Paulo (1913-1919). *Historia y Memoria de la Educación*, n. 11, p. 397-431, 2020.
- LUIZETTO, Flavio. Presença das idéias de Ferrer no Brasil: o exemplo da " Escola Moderna n. ° 1" de Sao Paulo. *Educació i Història: revista d'història de l'educació*, p. 57-59, 1994.
- MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. *Educação libertária no Brasil: Acervo João Penteadó: inventário de fontes*. São Paulo: EDUSP, 2013.

RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, Alessandro Cardoso. *As peculiaridades da Confederação Operária Brasileira (1906-1920)*. Tese (doutorado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022.

RODRIGUES, Edgar. *O anarquismo na escola, no teatro, na poesia*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1992.

SALLES, Vicente. *Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político-revolucionário do Grão-Pará*. Belém: CEJUP, 1992.

SEGURA, M<sup>a</sup> del Mar Araus. La escuela moderna en Iberoamérica: Repercusión de la muerte de Francisco Ferrer Guardia. *Boletín americanista*, n. 52, p. 7-22, 2002.

URRUTIA, Santiago. Experiencias de educación libertaria en el movimiento popular chileno, 1900-1925. *Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación*, n. 3, p. 90-116, 2015.